



A INCLUSÃO DOS ALUNOS SURDOS E AS EXPERIÊNCIAS CULTURAIS DOS SURDOS NAS ESCOLAS

Palavras-Chave: EDUCAÇÃO DE SURDOS, EXPERIÊNCIAS CULTURAIS, LIBRAS.

Bolsista: Amanda dos Santos Pereira (FE/UNICAMP)

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Lilian Cristine Ribeiro Nascimento (FE/UNICAMP)

INTRODUÇÃO:

O presente trabalho teve como objetivo analisar a relevância que a Libras e as experiências culturais dos surdos têm na escola, compreender o conhecimento que os educadores possuem acerca da educação de surdos e quais as ações da escola para desenvolver na comunidade escolar o conhecimento acerca da Libras e das experiências culturais dos surdos.

Segundo a Lei nº 10.436, a Língua Brasileira de Sinais “é reconhecida como meio legal de comunicação e expressão” (BRASIL, 2002), sendo “a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil” (BRASIL, 2002).

Ao pensar a Libras dentro da escola, tem-se que compreendê-la como língua de instrução, a língua pela qual o estudante surdo irá aprender, irá se relacionar e se desenvolver, e não como mero instrumento, como uma mera língua de apoio. Há muitas nuances que envolvem a educação de surdos, as lutas das comunidades surdas vêm transformando as realidades e perspectivas das escolas, e buscam uma “política educacional permeada pelas necessidades e anseios dos alunos” (CAMPELLO, REZENDE, 2014, p. 72).

Porém, ainda há muitos passos em busca de uma educação que contemple plenamente as necessidades e anseios dos surdos. Em muitas escolas ainda não há: um currículo que envolva as singularidades dos surdos e que entenda a importância da visualidade para eles; professores realmente fluentes em Libras, e não com cursos de curta carga horária; e a inserção do professor surdo no espaço escolar, para que se tenha um profissional com quem as crianças surdas possam se identificar, e fortalecer suas identidades e relações.

De acordo com a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência nº 13.146, de 2015, tem-se, acerca da educação de surdos, no artigo 27, que pode haver três modelos de escolas para a educação de surdos, as quais são, a escola bilíngue, a escola com salas bilíngues, e a escola inclusiva, sendo que todas devem ter a “oferta de educação bilíngue, em Libras como primeira língua e na modalidade escrita da língua portuguesa como segunda língua” (BRASIL, 2015). Apesar de ser uma opção de cada um dos estados e dos municípios escolherem quais desses três modelos irão adotar, eles deveriam oferecer à população surda escolas nas três modalidades, de modo que os pais e responsáveis pudessem optar por aquela que consideram mais adequada.

A escola regular inclusiva para crianças surdas é uma escola em que os alunos surdos e ouvintes compartilham a mesma turma/sala de aula, e os possíveis profissionais que atuam junto aos

surdos nessas escolas são: o intérprete de Libras, o professor de educação especial fluente em Libras ou o professor bilíngue com docência compartilhada. A escola regular bilíngue para surdos é uma escola voltada exclusivamente às crianças surdas, possuindo professores surdos e ouvintes, equipe gestora e funcionários fluentes em Libras. A escola bilíngue é “aquela que oferece instrução em duas línguas” (NASCIMENTO; COSTA, 2014, s/p.), que utiliza a Libras e o português escrito como línguas de instrução, e visa realizar “todo o ensino e toda a comunicação da instituição (...) preponderantemente em Libras” (NASCIMENTO; COSTA, 2014, s/p.). E um outro modelo é a escola com salas bilíngues (em geral chamada de escola polo bilíngue). Essas escolas regulares possuem estudantes surdos e ouvintes, mas as salas são separadas, portanto, as salas bilíngues possuem apenas alunos surdos, sendo que o professor que nesta leciona é fluente em Libras. Em alguns momentos específicos, alunos surdos e ouvintes desenvolvem atividades em conjunto, como nas aulas de artes, educação física, e nos eventos escolares.

METODOLOGIA:

A pesquisa é qualitativa e exploratória, trazendo um levantamento bibliográfico com textos acadêmicos e legislativos, realizando entrevistas e questionários, e produzindo análises, a entender que “todos os envolvidos no processo são importantes como fontes de discursos dos acontecimentos que se quer conhecer: leis, decretos, cotidiano, pessoas. Tudo importa e nada tem maior peso. Uma fala reflete verdades, como um documento legal.” (MARTINS; LACERDA, 2016, p. 167). O estudo se deu em três escolas (uma inclusiva, uma com salas bilíngues, e uma bilíngue) que possuem alunos surdos, cada escola de um município diferente dentro do estado de São Paulo, por meio da aplicação de questionários para os adultos, sendo um específico para a equipe gestora e um específico para os professores, e da realização de entrevista para as crianças. A aplicação dos questionários foi feita por meio online, no google formulários, com as questões apresentadas em português escrito e em Libras por meio de vídeo, em que os educadores tinham acesso através de link. E as entrevistas foram realizadas pela plataforma Meet e pelo Zoom, seguindo-se um roteiro como base. As questões dos questionários e das entrevistas visaram conhecer a dinâmica da escola, com foco na aprendizagem dos alunos surdos, buscando dar evidência às práticas de comunicação em Libras e os recursos didáticos visuais. Conforme as interações na entrevista iam ocorrendo, foi-se indo além do roteiro, havendo também, em alguns momentos, a participação dos responsáveis e educadores, que traziam relatos. Foram realizados 4 questionários com a gestão, 7 com professores e 7 entrevistas com estudantes.

RESULTADOS:

Na escola municipal inclusiva, os três educadores que responderam aos questionários, dois professores e um da equipe gestora, são ouvintes. A média de estudantes por sala na escola é de 35 alunos, um número alto, porém comum na realidade das escolas do estado de São Paulo. A escola compreende os anos iniciais e finais do ensino fundamental, havendo dois estudantes surdos na escola, um de 12 anos e um de 13 anos e que não estão no mesmo ano.

Segundo os professores participantes da pesquisa, os recursos didáticos mais utilizados em sala pelos professores são os livros didáticos, a pesquisa na internet e o atlas. Sobre os momentos de abordagens e discussões acerca da inclusão social e quais são as formas que acontecem esses momentos, os professores trouxeram que eles ocorrem de acordo com a necessidade e o contexto do momento, sendo que antes da pandemia acontecia por meio dos alunos reunidos em grupos de afinidade, e não imposto pelo professor. Já sobre os momentos das aulas que os estudantes mais interagem, os professores mencionaram que os alunos participam mais nas correções e nas pesquisas em grupos de afinidade e trabalhos com mapas, sendo o trabalho com mapas uma forma mais visual de aprendizagem que favorece o aluno surdo.

Em relação às entrevistas com os dois estudantes surdos, se nomeará o estudante de 12 anos de T e o estudante de 13 anos de V. A primeira entrevista foi com T, ele frequenta o Cepre (Centro

de Estudos e Pesquisas em Reabilitação) da Unicamp com atendimento fonoaudiológico desde os 7 anos de idade. Na escola, as pessoas com quem ele mais interage são três amigos e a professora de educação especial, sendo que com seus colegas ouvintes ele não conversa em Libras, mas sim através de leitura labial e língua oral. Em relação às atividades em grupo, T explicou que os grupos são sempre com os mesmos amigos, os mais próximos, e que ele está na mesma turma desde o 1º ano do ensino fundamental nessa escola inclusiva. Ano passado, quando T estava nos anos iniciais ainda, a professora de educação especial realizava aulas online via chamadas de vídeo só com ele, e assim houve um melhor desenvolvimento educacional. Na entrevista com V, que tem perda profunda no ouvido esquerdo e no ouvido direito utiliza aparelho auditivo, ele disse que ele e a mãe sabem Libras e seu pai sabe razoavelmente. Assim como T, ele faz leitura labial e oraliza na relação com os ouvintes. As atividades em grupo são sempre com os mesmos colegas, afirmando ter bastante amigos na escola, ter um bom convívio. A mãe do V falou que a escola é muito acolhedora, que a escola anterior que seu filho estudou na mesma cidade não era tão acolhedora e inclusiva como essa, e que a professora de educação especial é muito participativa e empenhada, ela faz esquemas de matemática para o V, e faz resumos e adaptações do que é ensinado pelo professor.

Na escola polo bilíngue (com salas bilíngues) o diretor(a) e três professores que responderam aos questionários são ouvintes e um professor que respondeu é surdo. A média de alunos nas salas bilíngues para os surdos, as quais são multisseriadas, é de 5 alunos por sala, e todos os professores dessas salas são fluentes em Libras, portanto toda a comunicação na sala bilíngue é pela Libras. Segundo o diretor(a), já houve na escola a oferta de curso de Libras para a comunidade escolar (funcionários, alunos, responsáveis), e a realização de palestras com convidados surdos.

Sobre as salas bilíngues, a razão para que sejam multisseriadas, é para que não haja salas com apenas um aluno surdo, afinal, “a sala de aula é feita pela interação entre professores, alunos e colegas” (MARTINS; LACERDA, 2016, p. 174), e um fator que sempre deve ser levado em consideração é “a quantidade de crianças surdas por sala para que possa haver troca linguística” (MARTINS; LACERDA, 2016, p. 165).

De acordo com os professores que responderam ao questionário, os recursos didáticos mais utilizados em sala são livros, atividades impressas, banner, cartazes, projetor, vídeos, revistas, lousa, dicionário de Libras e Língua Portuguesa, notebook, jogos, brinquedos, calendários e gibis. Como estratégias para o aprendizado da Libras, os professores mencionaram que são realizadas atividades com imagens e objetos, conto e reconto de histórias, jogos, brincadeiras, dramatizações, estudos do meio, visitas técnicas, passeios, intercâmbios com outras escolas de surdos, encontros por vídeo chamada, e através das vivências dos alunos. Sobre os momentos em sala de abordagem da temática da inclusão social, o professor surdo trouxe o seguinte relato:

Me lembro que nas atividades de roda de conversa ou de relato do final de semana o tema já apareceu de forma espontânea quando os alunos falaram sobre problemas de acesso a bens de consumo, perda de emprego de algum familiar, percepção de preconceito e desprezo/abandono de algum familiar ou vizinho com ele pelo fato de ser surdo. O tema também de forma planejada já foi abordado em outros momentos quando falamos sobre a questão da diferença de gênero, tipos de moradias (geografia), desastre de Brumadinho, na aula de português quando se tratou de adjetivos (rico, pobre, feio, bonito), em muitos relatos quando falam da falta de comunicação com pais, por exemplo, quando precisaram de ajuda em alguma lição de casa ou quiseram conversar ou pedir alguma coisa.

Em relação às entrevistas, participaram duas crianças surdas, G que tem 11 anos de idade e está no 5º ano e F de 9 anos que está no 3º ano. Na entrevista com G, pode-se notar como ela é muito expressiva, comunicativa, e estava empolgada com a entrevista, se sentindo muito à vontade. G explicou que sua mãe, um irmão e uma prima sabem Libras, e que seu outro irmão e seu pai não sabem, além de haver uma amiga ouvinte do seu prédio que sabe um pouco de Libras. Na escola, respondeu que as pessoas que mais convive e conversa são quatro amigos, um professor e uma professora das salas bilíngues. Sobre seus colegas ouvintes das outras classes, afirmou que eles não sabem Libras e que não conversa muito com eles, gosta de ficar com seus amigos surdos. Quando

perguntado sobre as atividades em grupo, G respondeu que ajuda bastante seus colegas em matemática e no português escrito, e disse que na sala de aula os grupos variam quando se tem atividade, sendo que a formação de grupos ocorre várias vezes na semana. Na entrevista com F, ele também estava animado e muito tranquilo e à vontade, além de estar com o professor, que intermediou a entrevista, F estava com sua mãe. F respondeu que sua família sabe Libras. As pessoas que mais convive e conversa na escola são dois professores das salas bilíngues e duas colegas. Disse que seus colegas ouvintes já pediram para ele lhes ensinar palavras e frases em Libras, e que convive e conversa com seus colegas ouvintes.

Na escola regular bilíngue, os três educadores que participaram da pesquisa são ouvintes, dois da equipe gestora e um(a) professor(a), mas a escola possui professores surdos. A escola atende os anos iniciais do ensino fundamental e a última etapa da educação infantil, que eles chamam de infantil 4. A média dos estudantes por turma é de 12 alunos nos anos iniciais e de 10 alunos no infantil 4. Todos os professores e toda a equipe gestora são fluentes em Libras, a língua que permeia as relações e interações na escola é a língua de sinais. Segundo ambas as profissionais da gestão, a escola oferece curso de Libras para as famílias, o qual é um dos compromissos assumidos pelas famílias ao matricularem seus filhos na escola. No caso de colaboradores/funcionários, a escola sempre busca contratar aqueles que possuem domínio da Libras, mas nos raros casos em que o colaborador da escola não tem domínio da Libras, ele deve participar do curso da instituição. As gestoras mencionaram também que sempre realizam eventos com convidados surdos, como palestras para ampliar o universo identitário e os horizontes culturais dos alunos.

O(a) professor(a) que participou do questionário mencionou que os recursos didáticos mais utilizados durante as aulas são livros, vídeos, brinquedos, sucata, tablet, datashow, cartazes e material escolar. Toda a comunicação em sala é pela Libras, e as atividades desenvolvidas para o aprendizado da língua de sinais são: a organização da rotina e calendário, roda de conversa, contação de histórias, hora de brincar, interpretação de filmes infantis, dia do passeio pela escola e culinária.

Na pesquisa, foram entrevistadas três crianças da escola, nomeadas de Q, R e S. A criança Q e a R têm 8 anos de idade e estão no 3º ano, e a criança S tem 9 anos e está no 4º ano, todas estavam com um responsável da família durante a entrevista. Na entrevista, o aluno Q, o qual está na escola desde os 4 anos, disse que todos da sua família mais próxima (pais e avós) sabem Libras, e que seu pai e sua mãe são ambos surdos, assim, toda a comunicação em sua casa é em Libras. Q não é uma criança oralizada, como ocorre com várias crianças surdas. Ele disse que as pessoas com quem mais conversa na escola são seus amigos, sua professora e a coordenadora. Na sala de aula, muitas vezes eles realizam atividades em grupo, com um ajudando o outro.

O aluno R utiliza implante coclear (reabilitação cirúrgica de amplificação sonora) e entrou na escola aos 4 anos. Ele informou que na sua família sua mãe é quem faz o curso de Libras na escola, já há 5 anos, mas ela ainda não é fluente. R não possui amigos ouvintes, e antes da pandemia o contato que ele tinha com outros alunos ouvintes era nos eventos da escola, pois a instituição possui outra unidade escolar regular. Sobre os eventos da escola, R mencionou o Dia do Surdo, teatro, festa junina e de carnaval, tudo sempre comunicado em Libras. A mãe de R contou sobre a primeira escola de educação infantil do seu filho, relatando que antes dele entrar na escola bilíngue ela tinha colocado ele em uma escola privada em que havia apenas crianças ouvintes e não havia nenhum tipo de inclusão de pessoas com deficiência e seu filho ficava constantemente excluído. Diante disso, ela retirou seu filho dessa escola e conheceu a escola bilíngue, que tem sede tanto em São Paulo como em Cotia, se surpreendendo positivamente, pois antes ela achava que a escola forneceria apenas cuidados, mas com a experiência viu que seu filho se desenvolve como qualquer criança ouvinte.

Na entrevista com S, ele começou dizendo que sua turma possui sete alunos, e que das pessoas da sua família, quem sabe um pouco de Libras são sua mãe, seu pai, seus primos e sua tia. Na escola, as pessoas com quem ele mais interage são dois colegas de turma. As atividades que S mais gosta são matemática, educação física, geografia, ciências e artes. Ele disse que adora tabuada,

é a atividade que mais gosta. A mãe de S disse que seu filho está na escola desde os 4 anos e que sua família se mudou de cidade para que o filho pudesse estudar nessa escola bilíngue.

CONCLUSÕES:

Por meio dos resultados da pesquisa, nota-se que na escola bilíngue, totalmente voltada para os surdos, certamente a língua de sinais é central, tem uma alta relevância, assumindo-se como língua de interação e instrução em todos os momentos e espaços, pois a maioria dos profissionais e funcionários são fluentes em Libras, os poucos e raros que não sabem, participam do curso de Libras da escola e os responsáveis também assumem a responsabilidade de realizar o curso. Nas escolas polos com salas bilíngues a Libras também possui centralidade, estando presente a todo momento na sala, nos eventos e aulas passeios, enquanto que nas escolas inclusivas, por haver comumente poucos surdos, por raramente haver curso de Libras para a comunidade escolar e poucos educadores estudarem a área da surdez e da Libras, a língua de sinais não se encontra tão presente nos espaços, nas relações e comunicações.

Em relação à figura do educador surdo, o qual é um modelo e uma referência para o aluno, na escola bilíngue há professores surdos, fazendo com que as experiências culturais surdas estejam presentes na escola, construindo um espaço de identidade para os alunos. Compreende-se, por meio do relato do professor surdo da escola com salas bilíngues, como ele possui uma visão da inclusão e dos direitos e vivências dos surdos significativa, vivenciada, como ele traz diversos exemplos experienciados e discutidos em sala, uma discussão ancorada na realidade e no que acontece à volta, e como sua sala se torna esse espaço de abertura, reflexão, trocas e acolhimento, revelando os preconceitos e impasses que envolvem a realidade dos surdos. Porém, mesmo havendo na escola com salas bilíngues um professor surdo e a escola inclusiva já ter tido um educador surdo, esse profissional não é reconhecido pelo Estado como um profissional obrigatório, ou seja, totalmente necessário nas escolas com alunos surdos. Quanto aos recursos didáticos para o surdo, essa diversidade de recursos e estratégias visuais é importantíssima para o seu processo de aprendizado, e quando as salas são específicas para os surdos e os professores estudam a área de educação de surdos, há uma atenção para essa visualidade, promovendo materiais e recursos visuais e expressivos com o uso da Libras, para se fazer um ensino plenamente voltado aos surdos.

BIBLIOGRAFIA

BRASIL. **Lei nº 10.436**, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências.

BRASIL. **Lei nº 13.146**, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência).

CAMPELLO, A. R.; REZENDE, P. L. F. **Em defesa da escola bilíngue para surdos**: a história de lutas do movimento surdo brasileiro. Curitiba: Editora UFRP, Educar em Revista, n. 2, 2014, p. 71-92. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/er/nspe-2/06.pdf>. Acesso em: 23 de abril de 2021.

MARTINS, V. R. O.; LACERDA, C. B. F. **Educação inclusiva bilíngue para surdos: problematizações acerca das políticas educacionais e linguísticas**. Campinas: Revista educação PUC - Campinas, 2016, p. 163-178. Disponível em: <<https://seer.sis.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/reveducao/article/view/3277/2286>>. Acesso em: 4 de agosto de 2021.

NASCIMENTO, S. P. F.; COSTA, M. R. **Movimentos surdos e os fundamentos e metas da escola bilíngue de surdos**: contribuições ao debate institucional. Curitiba: Educar em Revista, n. 2, 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-40602014000600012&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em: 23 de abril de 2021.